

## ENTREVISTA ISABEL SILVA SOBRE O ERNESTO DE SOUSA

**Isabel Silva** é curadora no museu Berardo em Lisboa, antigo Museu CCB, onde se realizou a Exposição Alternativa Zero. É viúva de Ernesto de Sousa e foi sua astuta colega de trabalho. Começaram a trabalhar juntos na década de 70 até ao fim da carreira artística de Ernesto, acompanhando assim maior parte do seu percurso de vida. Por tal é uma grande conhecedora, não só da pessoa que Ernesto foi, mas também dos seus métodos e preferências de trabalho. Atualmente é quem organiza todas as exposições e investigações que são feitas em torno do artista, organizando o espólio que este deixou.

Criou o site [ernestodesousa.com](http://ernestodesousa.com), onde é possível consultar informações sobre grande parte do percurso seu percurso artístico e vida.

### **Como é que Ernesto se descrevia a ele próprio?**

Debruçou-se muito sobre ele próprio, via-se como um artista total, eu acho que ele era o que pensava, não fazia a separação entre a Arte e a Vida. Projetava-se muito para o futuro, vivia muito no projeto seguinte, sentia uma grande ansiedade em terminar o projeto no qual estava a trabalhar para iniciar o seguinte.

### **Quando Ernesto apresentava ou finalizava uma obra, como é que ele encarava a receção das obras?**

Ele era muito atento, quando fazia ou finalizava um projeto, concentrava-se muito nos pormenores.

Quanto às projeções, recordo-me que nos *Mix Midea* que fez envolvia-se muito e participava ativamente na montagem e na conseqüente preparação da projeção. Nunca o vi passivo perante as suas coisas, tinha sempre uma atitude muito interventiva e muito provocadora. Ele vestia-se com isso, com a Provocação.

### **Mas essa Provocação era pensada?**

Sim, era pensada, completamente pensada.

### **E o que é que ele provocou?**

Por exemplo, escritos polémicos com o Cezariny. Gostava muito do estímulo intelectual.

Era muito curioso, passávamos a vida em debates. Recordo-me de uma vez no Centro Nacional da Cultura, Maria Belo estava a dirigir um debate sobre um filme e ele chegou e fez uma intervenção, à qual ela comentou no final: “nós estávamos aqui todos de acordo e vens tu...”. Ernesto até era capaz de estar de acordo com ela, mas gostava de introduzir uma questão diferente, era pelo prazer de discutir até a exaustão.

### **Quando falas dessa questão da vida ligada ao trabalho, em que é que isso se espelhava?**

Reflete-se por exemplo pelas cartas que o Ernesto recebia de muitas pessoas de todo o mundo que queriam encontros com ele. Queriam vir cá combinar e organizar eventos.

Depois do 25 abril estive à frente do clube “Opinião” onde fez algumas Exposições com o Darocha (José Luiz da Rocha) um pintor português que radicou em Paris. A seguir fez os “Polacos”, e entre todas estas atividades havia muito debate. Passava lá as tardes a discutir com colegas e público. Recebeu o diploma de artista da Clara Menez que também foi lá lançado no clube “Opinião”.

A vida dele era muito intensa, sempre entre escrever, fotografar e filmar, se lhe dessem uma camara para a mão o reflexo dele era sempre filmar. Estava sempre a fazer um pouco de tudo, até projetos que eu nunca cheguei a ver, feitos por ele, que me recordo de ele referir.

**A ideia que eu tenho desta casa dá-me a sensação de que Ernesto continua vivo de alguma forma, que existe esta continuidade. Até pela forma como o arquivo se tenta reativar, através de vários artistas ou estudiosos que às vezes cá vêm.**

Isso é porque as pessoas solicitam coisas, as saídas dos objetos e documentos de casa, e que mais tarde regressam; há este movimento que eu dou continuidade na ausência dele. Ele fazia aquelas peças que se dobravam em caixinhas como “harmónio” com fotografias coladas. Chegava a qualquer sítio e pendurava com um prego. Dobrava sempre as obras numa mala, sempre feitas em materiais muito frágeis. Mas que resistem e, estão por aqui para serem mostradas.

**Esta questão da fragilidade das Obras, parece-me primeiro relacionar-se com essa urgência de fazer, de exteriorizar, privilegiando a ação ao invés da obra acabada.**

Sim, a ideia era mais importante de que o resultado final, e, de seguida era o movimento. Algo que está sempre a acontecer, cíclico, algo que pode ser utilizado, transformado, e utilizado outra vez.

Eu sinto esta liberdade de decisão, quando estou a preparar uma exposição com obras do Ernesto, de afirmar como é que a obra pode ser exposta, se pode ser pendurada por um prego por exemplo, também porque executei maior parte das obras com ele, trabalhávamos muito juntos. Por isso sei que ele estaria de acordo.

**Uma das componentes do Ernesto era a sua capacidade Heterogénea. O que é que o Ernesto foi?**

O Ernesto Foi Artista Mix Midea, Realizador, Escritor curador, critico e fotógrafo.

**Mais algum interesse?**

Foi professor, nas belas-artes deu um curso de cinema no Porto pelo cineclub do porto, deu cursos aqui e ali. Deu um curso de transformação artística, fenomenologia do teatro e do cinema durante 3 anos. Em 1996 fui sua aluna desse curso, e foi a partir daí que começámos a ter um grupo de pessoas muito interessadas nas atividades culturais. Então, cria assim a oficina Experimental e daí saíram vários projetos coletivos como o encontro do Guincho.

### **Quem é que era os participantes dessas formações?**

A do Guincho Participaram Ana Hatherly, António Pedro Vasconcelos, Artur Rosa, Carlos Calvet (registo em filme), Clotilde Rosa, E. M. Melo e Castro, Ernesto de Sousa, Fernando Pernes, Helena Almeida, Jorge Peixinho, Manuel Baptista, e Noronha da Costa de quem era a peça que foi usada no encontro.

Eram todos artistas, e vários colegas meus que estavam a fazer formação artística.

### **Mas também fazia Formações para um publico mais geral?**

Sim fazia, e conferências também aqui e ali, às vezes trocava as voltas e fazia anti -conferências. Uma vez na AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte) onde convidou um critico da AICA a casa de um leiloeiro, ironicamente vestindo-se de smoking e proferindo um anti discurso. Tudo o que ele dizia deveria ser entendido ao contrário.

### **Isso era o seu lado provocador. Então foi alguém que deu várias formações, e acompanhou uma geração de artistas que posteriormente tornaram-se os nomes mais importantes da arte portuguesa.**

Sim depois do 25 abril em 1975, até mesmo antes, por volta de 1972, Ernesto já se tinha juntado a Helena Almeida, Lurdes Castro; entre muitos outros artistas em quem confiava muito e escrevendo também ensaios sobre todos eles.

### **Então pode se dizer, que era alguém influente, através dos cursos que dava.**

#### **Ele continuava a estabelecer relação com os alunos depois do curso?**

Sim, ficávamos amigos, viajamos juntos a Londres, a Paris. Dentro do país fomos a Coimbra ver o património. Chegámos a ir de férias para o Algarve para casa de uma das suas ex-alunas. Era uma rede de amigos, que envolvia vários professores, vários alunos.

Nestas viagens aproveitava para colocar em prática projetos seus, por exemplo, em 1968 recebeu uma bolsa da Gulbenkian de investigação sobre a escultura portuguesa de expressão popular, então corremos o país todo a fotografar capiteis, pórticos (...) Era apaixonante ouvi-lo falar, distinguia o pedreiro que vinha de França e outro que vinha de outro país, conseguia distinguir as influências. Isso não é muito conhecido, está nos relatórios que fez para a Gulbenkian. Na altura queria publicar esse estudo, mas ninguém lhe respondeu por isso passou logo para outro projeto, não guardava mágoas, inventava logo outro projeto. Tinha sempre confiança nele próprio, acreditava em si.

### **Parece haver uma procura de uma educação muito horizontal, um ensino sem fronteiras.**

Sim, num espírito da Bauhaus. Sim pelas muitas viagens que fazíamos, convívios, troca de impressões.

**Ele considerava-se um educador, tinha interesses pedagógicos, ou era natural?**

Expressar conhecimento era natural para ele, nesse sentido sim, era um Educador. E as pessoas seguiam-no, porque era uma pessoa muito estimulante, lia de tudo, falava de tudo.

**Sentes que as pessoas iam procurar conselhos?**

Sim, e ele dava imensas ideias, para filmes, para tudo, aconselhava muito os seus alunos. Isto, até vou eu sabendo por cartas. Eu e o Ernesto durante uns tempos convivíamos muito com Isabel Sena, mas, entretanto, foi para a Suécia, e, conseqüentemente perdemos algum contacto. Mais tarde ela escreveu-me a dizer que o Ernesto tinha sido uma pessoa extraordinária e muito inspiradora para ela.

O Ernesto era uma pessoa que se dispunha muito a ajudar, a aconselhar e a falar.

**Ele tinha muito para dar. Ficava com alguma coisa dos outros também?**

Não creio que fosse o caso dele, mas havia artistas mais chegados que lhe dedicavam e ofereciam muitas obras inclusive. Era principalmente pelo prazer em conversar, e, receber colegas e amigos, principalmente pelo prazer de comunicar e trocar ideias. Eu própria escrevia sobre todos os artistas que passavam por Portugal.

**Quando dizes que o Ernesto vivia no futuro, não era só porque era alguém que era contaminado pelo que se passava lá fora, mas também porque queria lutar contra a ditadura em Portugal de certa forma?**

Sim, ele estava sempre em conflito com o Concelho Técnico da Sociedade de Belas Artes, por sentir ser um mundo muito conservador. Existe uma história onde ele enviou uma obra que pertencia à Caixa Geral de Depósitos. A obra era composta por cinco partes: três fotografias, um envelope dirigido ao pintor Ernesto de Sousa pela Fundação Gulbenkian com um certificado em que o consideravam um “pintor” e, por último, uma ironia! Um papel de um hotel em Bruxelas, “the Colony”, onde colocou no pé a sua marca. Timbrou com tinta azul o papel, mas estas duas últimas peças foram recusadas. Então, no dia da inauguração, retirou as três fotografias e escreveu uma carta a dizer que a sua obra foi mutilada. Ele gostava de andar sempre em pleno, tentar que as pessoas despertassem para outras formas de arte.

**Foi alguém que teve a oportunidade de ter emigrado, mas que voltou.**

Sim ele teve a necessidade de voltar, ele gostava muito de Portugal, e queria que fosse evoluído, e por isso é que fez o primeiro cineclubes português em 1946 chamava-se “Ciclo de Cinema”, e revistas de cinema para divulgar e tentar que as pessoas vissem outras coisas. Também foi uma maneira de combater o fascismo português. Sinto que de certa forma os capitães foram despertados por estas ações. Todas as semanas tínhamos bastantes conferências em várias faculdades, porque nos cineclubes a Censura andava muito mais em cima do que nas

associações de estudantes. Foi a maneira que ele encontrou de contribuir para a queda do fascismo em Portugal.

**Sim isso é muito interessante. Por um lado, tens um Homem que tem uma obra artística muito forte, e, por outro tinhas um Homem que procurava muito expressar conhecimento, que queria muito partilhar, divulgando conhecimento.**

Sim, o propósito era criar um ambiente interessante para toda a gente. Sim. O percurso pedagógico dele não era só pelos cursos, mas era no dia a dia. Por exemplo, tentar aproximar ao máximo diversas pessoas, colocando muitos colegas em contacto uns com os outros. Tenho listas que fazia para o Jorge Molder ver em nova York quando lá fosse, tenho outra lista para o Fernando Calhau ver em Itália. Era uma pessoa que fazia questão de tentar estabelecer contacto entre artistas. E depois gostava muito de saber os resultados, como é que tinha corrido esses encontros.

**Consegues me falar um pouco sobre como é que foi feito o filme Dom Roberto?**

O Dom Roberto é resultado dos Cineclubes, nasceu dessa precisa dinâmica. Entre 1949-1952, estava sempre muito entre Paris e Portugal, neste movimento estabeleceu os primeiros contactos cinematográficos. Criou o primeiro movimento de Cineclubes Português em 1946. Para fazer o filme, não recebeu dinheiro do Estado Português, por isso criou a Cooperativa do Espectador, em 1958, onde todos podiam comprar ações. Esse dinheiro não lhe permitiu terminar o filme, foi mais tarde o distribuidor que fez uma parte do seu final. Foi um filme que por acaso teve uma grande distribuição, por todo o mundo.

**Porque é que ele não fez um outro filme, se o Dom Roberto correu tão bem?**

Bem, em termos financeiros foi muito difícil, mas não sei, o Dom Roberto demorou 3 anos a fazer. Talvez tivesse haver com o processo em si, era muito hiperativo, e um filme demorava muito tempo.

**Quando é que uma obra estava finalizada?**

Quando ele começava outra coisa, a anterior estava terminada. Nunca me pareceu que tivesse dificuldades em acabar obras. Tinha algumas em escrever, mas era porque escrevia todas as semanas, escrevia artigos, escrevia as coisas dele.

**Quando tu fazes a bolsa de Ernesto de Sousa, é com que intuito?**

Foi no mesmo Espírito de Ernesto, no de originar diálogos, proporcionando um estágio em Nova York, e tentando criar e desenvolver experiências. Colocar as pessoas no exterior.

Isto tinha haver com o seu exemplo de experienciar tudo principalmente. Achei que era a melhor maneira de o homenagear, pôr o nome dessas pessoas lá fora.

Mas por alguma razão, nunca senti nenhum apreço pelo Ernesto por parte dessas pessoas, até ao ano passado. Nunca ninguém me pediu informações sobre a sua obra, ou sobre qualquer coisa.

**Também vivemos num mundo ligeiramente diferente do que o de Ernesto, onde tudo é mais descartável.**

**E o que é achas que as pessoas podem encontrar na caixa do arquivo?**

Vestígios, de uma pessoa que pensava e criava muito. Documentos que podem ajudar de certa forma num percurso, e espalhar conhecimento.

Eu acho que a partir de agora as pessoas têm que o ler, têm que o estudar, é importante.

**Que género de espólio é este?**

Livros, cartas, fotografias obras que foram oferecidas ao Ernesto, Registos, fragmentos de películas. Eu sou defensora de não entregar tudo a mesma instituição.